

Salomão Rovedo

G A R D E N I A



(Romance)

Rio de Janeiro
2006

Salomão Rovedo

G A R D E N I A

(Romance)

“Em qualquer lugar bate um relógio. Este, porém, não urge nesse tempo que foge. As horas aqui passam de outro modo. Ali há livros que andaram muitos séculos antes que suas palavras chegassem aos nossos lábios. Ali estão outros, jovens, nascidos ontem, gerados na confusão e necessidade de moços imberbes: falam, porém, uma língua mágica. E uns e outros agitam e aceleram a nossa respiração. Se nos irritam, também nos consolam; se nos enganam, acalmam ao mesmo tempo nossos sentidos abertos. E à medida que mergulhamos neles encontramos em sua melodia, calma e contemplação, abandonado enlevo, um mundo do outro lado do mundo.”

Stefan Zweig

Capa:
Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses
Barreirinha, MA
Foto © de Marília Boabaid

1ª edição, janeiro 2005
(com o título *Ventre das Águas*)
2ª edição, novembro 2006

Edição do Autor
Editado no M S Word 2003
Publicado no Adobe (pdf)

Capítulo 1

Sementeira de lembranças

“É preciso amar as pessoas como se não houvesse
amanhã
Porque se você parar pra pensar, na verdade não há.
Me diz por que é que o céu é azul
Me explica a grande fúria do mundo.
É preciso amar as pessoas como se não houvesse
amanhã
Porque se você parar pra pensar, na verdade não há.”

Dado Vila-Lobos/Renato Russo/Marcelo Bonfá

Em tudo, em tudo, em tudo e em todos os cantos exala o cheiro peculiar de Gardênia. Até mesmo nos altares sagrados da natureza, na quebrada das ondas, nas areias das praias, mesmo na distância, mesmo nos mares, persiste o sentimento perene do odor. Aroma, perfume, fragrância, essência, olor, cabelos, lábios, olhos, nariz, seios, umbigo, em tudo, em tudo, em tudo exala o cheiro dela. Na distância, na dormência, na constância, até mesmo as coxas e sobre o sexo, nas nádegas e entre os vales, sobrevive a percepção eterna do seu frescor.

As luzes inexistentes, o cheiro de maresia, fingem demonstrar ao navegante que é um regaço tranqüilo. Uma baía formada pelas ondas traiçoeiras, mas acolhedoras do delta das coxas de Gardênia. O corpo de Gardênia reluzia à noite entre os lençóis verdes das ondas do mar. O som era o mar. O odor era a vasa. O ritmo de vai-e-vem eram as ondas que vinham cintilando parir espuma na areia. E enquanto as nuvens cinzentas sobrevoaram a praia, tudo era morno e gris. E nenhum dos dois sentiu vontade de saber do sol aparecer para tirá-los daquele calor.

O cheiro de amêndoa doce guiava o caminhante para a presa favorita. E qual animal noturno farejava os poros doces e dali tirava sustento para mais um dia. Nada de pressa, nada de prisão, nada de dominação, a não ser aquela que liberta e dá asas para voar, como as águias de caça, que vão e vêm

ensinadas por seus mestres-caçadores. O cheiro de amêndoa doce traduzia aos amantes a ternura e o contentamento.

Gardênia transformou Aníbal num artista. Antes de ser o agressor era o agredido, antes de ser o senhor era o escravo, antes de ser o mestre era o aprendiz. E nessa contínua guerra de carinhos sobreviviam as carícias espontâneas indicando ao caminhante o caminho do gozo e do prazer.

Transportavam a imaginação pelos caminhos perigosos da aventura desconhecida, do prazer equilibrado na lâmina da navalha. Resolveram que seria a vida, não a morte. Que os desconhecidos sequer mereciam saber o endereço daquele amor. Sem consultar nenhuma cigana soube escrever uma nova história valente, cuja coragem era o não confronto, cuja luta era o recuar e por isso a tornava diferente de todas.

Sempre farol, nunca escuridão. O cheiro de amêndoa doce tirava o apetite pelas coisas banais e frívolas como um raro pôr-do-sol qualquer, mesmo que o sol fosse um sol dourado de Van Gogh sobre um vale de girassóis. E a maré vinha e a maré voltava, surfistas flutuando sobre as ondas em busca daquela que fosse a melhor, para lançar-se para cima e para o alto – e com ela alcançar as manobras radicais e o êxtase para o qual está preparado espiritualmente.

O supremo prazer aqui é trazido pelo cheiro de amêndoa doce mesclado ao suor dos corpos laçados. Aí os corpos de ambos reluziam e tornavam a negrura do quarto mais visível, como se um repentino luar varasse as cortinas e banhasse com sua luz difusa os surfistas que não precisavam de pranchas, não careciam de água, não flutuavam sobre ondas verdes nem voavam no sonho de campeonato mundiais.

E, no entanto, múltiplos, eram tudo isso por conta do cheiro de amêndoa doce que impregnava todo o ambiente com a mesmíssima intensidade estonteante de gozo e prazer das tendas de fumadores de haxixe, dos consumidores de cocaína, dos bebedores de êxtase nos bares noturnos da

cidade. Tinha nos lábios o prazer do cigarro de maconha, de cravo e canela fabricados na Indonésia.

E quando o tempo se esqueceu de tudo e se esqueceu até de passar, quando as radiolas de reggae calaram os decibéis, quando os tonéis e vidros de óleo de amêndoa doce esgotaram seus mananciais, quando até mesmo as odaliscas deixaram de colear a dança do ventre, Gardênia pegou carona num anjo de aço e atravessou na noite os cinco mil quilômetros que os separavam, em busca do manancial de palavras, agora não tão ricas em saberes e já vazias de ilusões, sem nenhuns poderes de persuasão.

E retornou aos braços de seu verdadeiro amante. E colou seu corpo quase negro no corpo bronzeado de Aníbal. E seus lábios se colavam num beijo demorado de horas e horas em que os suspiros, gemidos e sussurros cantavam como as ondas na areia.

Nada havia mudado o encanto: seus olhos e seus lábios ainda se compreendiam, mesmo sem palavras e quando seus corpos de novo se uniram o que estava em jogo não era nada irreal, mas o líquido finíssimo e perfumado do óleo de amêndoa doce.

Fotografias nas paredes emolduradas e outras guardadas nos álbuns de plástico relembavam um passado mantido em segredo, superprotegido por negações. Ninguém sabia por quais motivos

Gardênia mantinha essas relações infelizes. Os outros casamentos nunca terminavam e ambos caminhavam pisando pegadas de um passado recente que insistia em segui-los cotidianamente.

E de novo buscaram uma vila de pescadores para, na solidão da noite e ao ruído sinfônico das ondas do mar se lascando na areia da praia, encontrar a poesia dos sons emitidos em surdina.

Grunhidos que ninguém conseguia traduzir. Arranhões animais, violentos e intermináveis. Beijos que premiavam roxos medalhões. Desfalecimentos temerosos deixavam sua nuca doendo uma dor profunda, o braço direito gemendo uma dormência demorada, o peito mais tenso que um rolo de aço comprimido, o pobre coração como uma britadeira, fazendo acordar as mais trágicas histórias de taquicardias e palpitações, seguidas de colapsos fatais que nem mesmo toda a maquinaria cheia de monitores, tubos, unidades hipermodernas de uma UTI poderia prolongar ou mesmo salvar. Esta era e estranha e comovida existência, acomodada e pré-programada a viver apenas cinqüenta e sete anos de vida cigana e atribulada.

Fora isso, se representava um teatro de amores e de fugas avisadas. Ninguém sabe quantos dias Gardênia passava nos escondidos das praias desertas escutando as mensagens das cartas de Tarô. Mas as figuras míticas já não diziam a verdade nem prenunciavam o futuro.

Tudo era dirigido de acordo com o gosto de Gardênia, mesmo que isso significasse contradizer a realidade mais óbvia. Inversamente não eram as cartas que adivinhavam como seria o futuro do casal, mas suas vidas é que direcionavam o significado do Tarô modificando-o ao bel prazer das ilusões, do que poderia ter sido.

Um mês antes Gardênia e Aníbal nem mesmo se conheciam a fundo. Hoje partilhavam à mesma cama e detalhavam os sinais e pintas que se espalhavam pelo corpo. De estranhas criaturas se mudaram em amantes que sabiam percorrer milimetricamente todas as reentrâncias do prazer. Amados que sabiam descobrir as mínimas aberrações e ilustravam as cenas de sexo com prazeres de lojas de artigos eróticos.

É neste exato momento que se inicia uma nova história, uma história que por ninguém jamais será contada...

Capítulo 2

Os anos mais felizes

“Amor, meu grande amor
Só dure o tempo que mereça
E quando me quiser
Que seja de qualquer maneira
Enquanto me tiver
Que eu seja o último e o primeiro.”

Ângela Rô Rô/Ana Terra

Gostaria que esta fosse uma história bem parecida com o nosso século, neste limiar dos anos 2.000. Acontece que se trata de fatos cujos personagens são dos dias de hoje, mas viveram a maior parte do tempo despejando da memória as décadas de 1950 e 1960. E quem caminha por esses anos numa cidadezinha do interior se sujeita também, embora indiretamente, a transitar por trilhas do século 19. Isto porque muitos personagens que nasceram nos últimos meses de 1800 e ainda hoje vivem na memória dos anos e souberam transmitir aos filhos, netos e bisnetos os ensinamentos que adquiriram de seus pais e avós.

Na pequenina Vila de Espinho a vida moderna chegou de maneira fulminante através dos programas, novelas, filmes e noticiários da televisão via satélite, com as antenas parabólicas. Percorrendo o caminho que vai desde o nascedouro, o chamado Primeiro Mundo — Europa, América e Ásia — os vídeos são importados e gravados ao vivo ou copiados em fitas e enviados via satélite às grandes capitais (Rio de Janeiro e São Paulo), daí são traduzidos, dublados e finalmente retransmitidos para os estados e, depois, por repetidoras, para os municípios e cidades ainda menores.

Em cada degrau dessa escala a notícia vai sofrendo alterações, minguando ou crescendo, abasileirando-se no que é possível, mas nunca se torna local de fato, cem por cento o suficiente para adulterar o ambiente interiorano, a ponto de integrar-se ao cotidiano das cidadezinhas. Na verdade,

produzidos aqui ou importados, o que sobra desses programas e chega ao interior é considerado sempre estrangeiro, alienígena — um deturpador agressivo, mas sem alcançar o sucesso da vida local. É assim que tudo é visto pelas pessoas que nela nascem e vivem.

As novelas da TV retratam realidades e fantasias que sempre acontecem bem longe daqui. São sonhos que navegam em iates riquíssimos, ilusões de uma sociedade de extremos entre a elite rica e a marginalidade paupérrima, que passam a conviver com a tranquilidade das casas assobradadas, das gentes paradas no tempo. As intrusões do progresso são apenas isso: intromissões.

Veículos modernos, músicas exóticas, missas rezadas com o padre virado de frente para os fiéis — tudo isso e mais é visto de uma maneira peculiar, indiferente, sem afetar a vida dos moradores. Isso porque a Vila de Espinho continua pequenina, só não morreu de vez por conta das gerações que forçosamente se sucedem, mas a população está cada vez menor. Os mais abastados, os que podem vão se retirando para as capitais mais progressistas, generosas em promessa de mais ganhos financeiros, de sucesso e de aventuras. Ademais, hoje as mães têm menos filhos que antigamente, os velhos casarões vão ruindo.

A rigor tudo não passa de uma fotografia na parede do passado que, arrancada da moldura original, passa de mão em mão. Como testemunha viva daquele exato momento do clique, tento explicar como as coisas ocorreram. Aqui e ali pode ser que volte inocentemente a meter o bedelho na história — e isso é impossível de evitar — mas me esforçarei para que não aconteça com freqüência perturbadora ou, pelo menos, que tudo ocorra da maneira mais imparcial possível, claro. Mas o fato é que nenhuma memória é imparcial ou isenta de amores.

No presente momento Aníbal — personagem que vocês vão conhecer mais intimamente que este que o apresenta — pela primeira vez em muitos anos surpreendeu-se a fitar sua imagem detalhadamente refletida no pequeno

espelho do apartamento do hotel e de repente ficou admirado de ter flagrado uma intimidade jamais suspeitada. Aproximou-se ao máximo do espelho para se ver em close, reparou nos seus cabelos que estavam cada vez mais grisalhos e escassos.

Por enquanto essa mistura de tonalidade dava uma boa aparência (não era um velho ainda), mas dava para perceber que dentro em breve os cabelos brancos acabariam por superar os castanhos em quantidade e, ao consolidar a dominação, cobririam sua cabeça com um incômodo telhado de neve. As rugas substituíam aos poucos os vincos naturais como se determinassem o passar do tempo — e atraíam miríades de pequenas linhas em volta delas e que, ao seu modo, também iriam se transformar em enrugados e profundos canais.

Com a descoberta de um novo olhar e a proximidade em big-close com que mapeava o rosto, deu para reparar nos novos sinais particulares e novas pintas que manchavam sua pele, que o tempo acabou por transformar a marca registrada que o riso franco alargava. Somente com essa visão cinematográfica pôde notar também que esses detalhes há muito tempo haviam mudado de forma ou de todo desaparecidos. Indagou-se há quantos anos deixara de sorrir e qual a razão dessa sisudez que acampara para sempre em sua face.

Afastou-se um pouco para trás dando conta de que realmente o homem refletido no espelho era outro, completamente diverso daquele que existia em sua cabeça, que sobrevivia na pré-história da sua imaginação. Ensaboou as mãos e lavou o rosto com bastante água. Sentiu a água fria bater forte, como um violento tapa, uma chicotada, para acordá-lo daquele hipnótico marasmo.

Passeou os dedos por sobre os contornos do nariz aquilino, acariciando as olheiras escuras que acompanharam os olhos tristes desde a infância (herança dos avós segundo foi informada). Seu olhar parecia cansado e mais triste ainda. Os lábios, que muitos elogios receberam das mulheres, cerravam-se como portas centenárias de um velho mosteiro. Agora quase não tinha palavras para dizer nem carinhos para dar.

Diante do espelho amarelecido, assim despido de vaidades, conheceu pela primeira vez aquelas rugas, cujo nascimento a vida agitada escondeu e não deu tempo de perceber. E a cada passeio pela face seus dedos magicamente descobriam novas geografias até então desconhecidas.

Por isso, tenham sempre em conta que os espelhos são traidores da realidade, servem somente para uma mirada rápida, descompromissada. Ou para fazer a barba, escovar os dentes e os cabelos, vez ou outra dar um nó de gravata (quem ainda usa esse aparato), porque aí a ação dura o tempo suficiente para não ultrapassar a fronteira do detalhe. Não, jamais confiem num espelho. Nada de confissões, de troca de intimidades, de conversas fiadas com ele.

Vejam as mulheres, por exemplo: elas sofrem mais diante do espelho porque precisam desesperadamente dele. Não se deixam levar pelos movimentos rápidos e apressados que os tempos modernos exigem. São iludidas pelo reflexo luminoso, violentadas pela paisagem de um ângulo que, sem o espelho, não é visto. Traídas pelo brilho aparente dos olhos e atacadas pela sensualidade invencível dos lábios, demoram-se na maquiagem, aparando aqui e acolá, entulhando as rugas de base e desesperando-se diante do mais novo vinco que a natureza pespegou da noite para o dia. E não podendo fugir desse ritual sofrem...

Aníbal era desses que jamais haviam parado diante de si mesmo assim disposto a constatar e suportar as marcas do tempo. Seu cuidado com a aparência limitava-se a um barbear bem feito, cabelos bem cortados e penteados conforme a moda, roupas e calçados da época. Nunca teve tempo de vigiar a idade, de se imaginar um *coroa* ou mesmo um velho. Agora, sozinho na vida e prisioneiro involuntário de um quarto do hotel, diante de um espelho acusador, podia fazer sem grandes esforços essa projeção.

Depois dessa constatação a sangue frio, percebeu que o rosto ficava mais pálido, sentiu mesmo um calafrio percorrer todo o corpo, descendo da cabeça aos pés. Mas a realidade, a realidade que o espelho denunciou o

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

